



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JOANA D`ARC DUTRA DE OLIVEIRA

**LITERATURA E ENSINO: UM OLHAR SOBRE UMA ESCOLA DE ENSINO
MÉDIO DA CIDADE DE BREJO DO CRUZ-PB**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2017**

JOANA D`ARC DUTRA DE OLIVEIRA

**LITERATURA E ENSINO: UM OLHAR SOBRE UMA ESCOLA DE ENSINO
MÉDIO DA CIDADE DE BREJO DO CRUZ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48I Oliveira, Joana D'arc Dutra de
Literatura e ensino: um olhar sobre uma escola de ensino
médio da cidade de Brejo do Cruz-PB [manuscrito] / Joana D'arc
Dutra de Oliveira. - 2017.
46 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2017.
"Orientação: Me.Maria Fernandes de Andrade Praxedes,
Departamento de Letras e Humanidades".

1.Texto literário 2. Leitura 3. Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 469.07

JOANA D'ARC DUTRA DE OLIVEIRA

**LITERATURA E ENSINO: UM OLHAR SOBRE UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO
DA CIDADE DE BREJO DO CRUZ-PB**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Literatura e ensino.

Aprovada em: 10/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Prof.^a Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marta Lúcia Nunes

Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Vaneide Lima Silva

Profa. Dra. Vaneide Lima Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

-

A Deus, aos meus pais, à minha amada filha e aos meus queridos irmãos, pelo apoio e incentivo, por sempre me aconselharem a seguir em frente, em busca dos meus sonhos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da sabedoria, por ter me ajudado na construção deste trabalho, dando-me forças para persistir ao longo dessa caminhada e concluir de forma satisfatória o Curso de Letras.

Aos meus pais, Gevani e Marinês, pelo amor e por todo incentivo recebido, vocês são meu porto seguro. À minha avó, Maria Dolores, às minhas tias, em especial a tia Zefinha, a todos os meus primos, amigos, à minha comadre Veruza pelas palavras de apoio.

À minha filha Emilly Beatriz a melhor parte de mim, a quem peço até desculpas por muitas vezes ter ficado ausente, durante o curso.

Aos meus irmãos: Maria Amélia, Francisco e Adyla, pelo carinho e pelas palavras de apoio e incentivo.

Ao meu avô Mauro (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

À coordenação do Curso de Letras, pelo seu empenho, e aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário, em especial a Francisco Bezerra Neto por todo apoio e amizade.

À minha Orientadora, professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pelas leituras sugeridas, pelas observações e pela dedicação ao longo da construção deste trabalho.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, em especial, a professora Flávia Márcia de Sousa, a quem sou eternamente grata pelo incentivo, e aos demais professores que contribuíram ao longo do curso.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio, e em especial a Maria Apolinário e Joana Dark de Lima, a vocês o meu muito obrigada pelo carinho, por estarem sempre ao meu lado nos momentos em que mais precisei.

Ao professor Alcione, pelo apoio e pelas palavras de encorajamento quando me sentia desanimada, OBRIGADA!

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer,
mas por incrível que pareça, a quase
totalidade, não sente esta sede.

(Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	A DIMENSÃO SOCIAL DA LEITURA	10
3	A LITERATURA E O ENSINO	14
4	A LEITURA NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE BREJO DO CRUZ/PB	18
4.1	O campo de pesquisa: contextualização	19
4.2	Dos procedimentos da pesquisa	20
4.3	Dos questionamentos: o que pensam e o que fazem os alunos	21
4.4	Dos questionamentos: o que pensam e o que fazem os professores	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6	ABSTRACT.....	39
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
8	APÊNICE 1	42
9	APÊNICE 2	45

LITERATURA E ENSINO: UM OLHAR SOBRE UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE BREJO DO CRUZ-PB

Joana D'arc Dutra de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino de literatura em turmas de 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Brejo do Cruz-PB. Este estudo se enquadra na pesquisa descritiva, pois se apropriou de coletas de dados por meio de observações e questionários. Já no que diz respeito aos procedimentos técnicos, recorreremos à revisão bibliográfica e, por fim, à pesquisa de campo na qual observamos, colhemos e interpretamos o lugar do texto literário em sala de aula. Como aporte teórico, nos servimos das reflexões de Beach & Marshall (1991); Candido (1972-1985); Freire (1989); Maia (2007); Silva (1998). O interesse pelo assunto surgiu a partir de uma experiência com o Estágio Supervisionado II, na qual foi possível observar uma prática pouco eficiente do professor de língua portuguesa ao lidar com a literatura em sala de aula. O resultado da pesquisa aponta para uma necessidade de abrir um espaço maior para a abordagem do texto literário em sala de aula, de modo que o aluno se aproprie de uma experiência enriquecedora com o universo da ficção.

Palavras-Chave: Texto literário. Leitura. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto arte questiona e amplia os horizontes de expectativas do homem, pois provoca a expansão do pensamento, do saber pensar e regula as emoções mais expressivas do ser humano. Além disso, a literatura pode legitimar, ajustar ou negar ideologias e pontos de vistas distintos, além de contribuir com as inúmeras descobertas do mundo.

O texto literário mimetiza a existência de um conjunto de fatos e acontecimentos sociais e nos remete a uma realidade na qual o mundo exterior ao texto estabelece um diálogo permanente com a ficção, ou vice-versa. Desta forma, a escola precisa discutir as possíveis metodologias para se trabalhar a literatura em sala de aula, oportunizando ao aluno um contato efetivo com o texto literário e abrindo um amplo espaço para as discussões.

Segundo o pensamento de Candido (1972) a literatura tem uma função psicológica, social e formadora, assim, como um bem de consumo ela pode livrar o homem da ignorância e quebrar as amarras da opressão e dominação que exclui e marginaliza os sujeitos que se encontram fora do chamado “mundo letrado”, por isso, há uma defesa de que o aluno tenha acesso a essa manifestação artística de pensar a sociedade e o mundo que o cerca.

Cabe inferir, que o texto literário não se presta apenas a compreensão de fatores externos a ele, mas é sempre possível refletir sobre a mimética dessa arte e as intenções do seu criador, pois se não é uma reescrita da realidade é uma representação do real, na qual a realidade estética e os estratos sociais se esbarram de algum modo para provocar uma reflexão sobre a própria arte e a vida.

O artigo em questão trata de uma pesquisa de campo, que aborda um questionamento acerca de como é trabalhada a literatura no ensino médio nas turmas de 1º ano de uma escola estadual na cidade de Brejo do Cruz-PB. Os questionários foram aplicados com os alunos e professores, no intuito de propor uma discussão e reflexão sobre a abordagem da literatura nas aulas práticas.

A estrutura deste trabalho organiza-se a partir de alguns aspectos pontuais que discutem a importância social da literatura às formas de compreensão do texto literário em sala de aula de nível médio. Desta forma, temos no primeiro momento uma reflexão sobre “A dimensão social da literatura”, que discute especificamente a importância do texto literária na vida do homem.

No segundo momento tratamos da relação “Literatura e ensino”, atentando para os caminhos que orientam o ensino de literatura; e por fim, o terceiro momento refere-se à pesquisa propriamente dita sobre as práticas a que estão vinculadas a literatura na sala de aula, evidenciando os sujeitos, procedimentos, métodos, análise e os resultados da pesquisa.

2 A DIMENSÃO SOCIAL DA LEITURA

A leitura proporciona ao ser humano vários benefícios, como: emoção, sensibilidade, reflexão e aprendizado, pois provoca curiosidade e desperta o interesse de novas descobertas. O homem se faz conhecer pelas relações e pelos diálogos constantes com o outro, e nessas relações humanas a palavra ganha força e canaliza o lugar comum de cada sujeito que mantém contato com saberes, lugares, sentimentos, culturas, imaginário, fantasia, realidade, ou seja, com um mundo simbólico e físico. Para Silva (2003) conhecer a leitura a partir do convívio pessoal e social dos alunos é fator necessário, por isso é importante valorizar a leitura, e não apenas decodificar o que está escrito.

A leitura pela leitura pouco revela o mundo que está posto nos textos, é preciso interpretar e analisar o dito e não dito, acionar as experiências de mundo e fazer as conexões com o que está fora do texto. Sobre esses aspectos, Freire (1989, p.9) defende a ideia de que: “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo”, isto é, a leitura da palavra está ligada às experiências dos leitores. Para o referido pensador pernambucano, uma é a continuidade da outra, ao nos informar que, “de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas que por certa forma de ‘descrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1984 a, p.22).

De acordo com Maia (2007), o ato da leitura resulta num ato lúcido, que não se acaba ou ocasiona em uma avaliação, que buscamos entender acerca das coisas que estão a nossa volta, mas de questionar o que lemos. É a partir de premissas como a supracitada anteriormente, que consideramos relevante a escola oportunizar ao aluno um contato efetivo com o texto literário e despertar no leitor os questionamentos sobre o que leem, mas também sobre a vida e o lugar que cada uma ocupa na sociedade.

Conforme propositiva de Martins (1989) para nos relacionarmos em sociedade é necessário termos conhecimento de leitura, pois devido a contemporaneidade e a eclosão das multimídias e redes sociais, a leitura possibilita recriar novas situações, ensinando a formular conceitos e se posicionar de forma crítica e participativa mediante a uma sociedade cada vez mais exigente e excludente. Com a leitura aprendemos, entendemos e conhecemos bens culturais, comparamos a ficção e realidade e percebemos a conexão entre dois mundos distintos: o mundo do texto e o mundo fora do texto. Refletindo sobre o ato da leitura, Yunes (1995) lembra que:

O ato de ler é um ato da sensibilidade da inteligência, da compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catedraticamente ampliamos a condição humana. Esta sensação de plenitude, iluminante, ainda, que dolorosa a aguda tem sido a constante que o discurso artístico proporciona. Diante de um quadro, de uma música, de um texto, o mundo inteiro, que não cabe no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca a totalidade, como se, pela parte que tocamos, pudéssemos entrever o não visto e adivinhar o que, de fato, não experimentamos (YUNES, 1995, p. 185).

A leitura, sobretudo a literária, provoca momentos de prazer e emoções porque nos permite mergulhar também na fantasia e inventividade dos nossos sonhos, experimentando as diferentes formas de ser e estar no mundo. O ato de ler nos coloca diante de tempos longínquos e espaços desconhecidos, nos transporta para contextos sociais remotos, mas que são atualizados pelo leitor dentro de um determinado tempo e espaço. Sobre esse aspecto, Orlandi (2008) nos esclarece que quando estamos lendo produzimos ou transformamos sentimentos, assim, estamos participando do processo sócio-histórico de produção de sentido.

Seria interessante, já de início, distinguir os vários sentidos com que se toma a leitura. Leitura vista em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como atribuição de sentidos, daí ser utilizada indiferentemente tanto para a escrita como para a oralidade. Diante de um exemplar de linguagem, de qualquer natureza, tem-se a possibilidade da leitura. Pode-se falar, então, em leitura tanto da fala cotidiana da balconista como de Aristóteles. Por outro lado, pode significar “concepção” e é nesse sentido que é usada quando se diz “leitura de mundo” esta maneira de se usar a palavra leitura reflete a relação com a noção de ideologia, de forma mais ou menos geral diferenciada. No sentido mais restrito, acadêmico, leitura pode significar a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto (ORLANDI, 2008, p.8).

Podemos verificar que o termo leitura carrega consigo uma variedade de significado, atribuindo e produzindo um sentido que engloba todas as expressões de enunciado. Quando falamos de compreensão refletimos a leitura de mundo, que, muitas vezes fazemos sem perceber, mas que proporciona aprendizado.

Para Silva & Zilberman (2004) a leitura é adquirida no contexto de comunicação social, uma proporção extensa que decifra da escrita, e uma das suas formas principais são designar a comunicação linguística do público alvo em sociedade avançada. Com isso, é sempre possível pensar a leitura como um ato expressivo de comunicabilidade humana que se apropria de diversos recursos linguísticos, e nesse processo o homem participa efetivamente da vida social.

De acordo com Maia (2007), a leitura é coberta de influência que atribui valores no processo educativo, ou seja, “ler é uma forma de o indivíduo compreender e interpretar os significados das palavras, passando a entender-se no mundo”. (SILVA, 2007, p.28). Deste modo, a leitura é fundamental em todos os momentos da vida do homem, na fase escolar, no meio social e profissional, pois promove conhecimento, enriquece o nosso vocabulário, melhora o raciocínio, transforma e liberta-o da opressão.

No âmbito escolar, para que os alunos se tornem leitores ativos o professor deve estimulá-los a ler, mas é necessário, também, que o docente tenha um contato frequente com os livros, conheça uma multiplicidade de textos, pois só assim poderá orientar seus alunos, mostrando a dimensão da leitura na formação humana, esclarecendo que não se trata apenas da leitura do texto mais da compreensão do texto e do contexto. Para isto, o docente precisa estimular seus alunos para que sejam leitores críticos e se posicionem sobre um determinado assunto, concordando ou divergindo da posição do autor e de outros leitores e críticos.

Segundo Koch (2009, p.159) “ao professor cabe à tarefa de despertar no educando uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido, preparando para ler o mundo”, assim, o professor é a pessoa mais indicada para cumprir essa tarefa, pois a leitura nos fornece a capacidade de sermos críticos, ela também torna-nos capazes de interpretar textos de diferentes gêneros textuais como: revistas, jornais, reportagem e tirinhas. É na sala de aula que, geralmente, o aluno tem seu primeiro contato com os livros, por isso a importância do professor para o trabalho do despertar para a curiosidade e para o prazer de ler.

É importante que o professor realize com seus alunos momentos de leitura, deixando-os discutir sobre o texto lido, só assim ocorrerá uma interação mútua da relação professor/aluno e dos outros agentes leitores da sala de aula. Sob esta perspectiva, os PCNs (1998, p.71) postulam que “o professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um círculo de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro”. Dito isto, podemos perceber que o professor é responsável pela motivação e inserção do aluno no universo da leitura, como mediador de conhecimentos.

Desse modo, cabe ao docente experimentar estratégias que possam aproximar seus alunos da leitura quer seja orientada ou de livre escolha. Uma estratégia bastante utilizada em sala de aula pelo docente de língua portuguesa é impor aos alunos a leitura oral dos textos para que esses tenham ou estabeleçam um contato direto com a leitura para responder a questionários, e isso, muitas vezes, afasta o aluno da leitura. Essa prática de leitura é refutada por Chiappini (2007), ao afirmar que:

Em diversas situações: leitura de textos didáticos para obter informações; de textos produzidos pelos alunos; de perguntas e respostas de questionários; de palavras para treino de pronúncia nas aulas de língua estrangeira (...) geralmente nas aulas de Língua Portuguesa (...) iniciam com uma leitura silenciosa do texto, seguida de leitura oral, estudo do vocabulário e entendimento. (CHIAPPINI, 2007, p.103)

Esses tipos de procedimentos, apesar de serem muito utilizados em sala de aula, parecem não surtir resultados positivos, visto que essa estratégia pouco colabora para uma leitura crítica. É preciso considerar que quando se trata do texto literário, esse tipo de procedimento condiciona o leitor a silenciar diante do texto e repetir aquilo que está explícito, dissipando a capacidade de pensamento do aluno. Com a eclosão da tecnologia e das redes sociais, a escola precisa de ferramentas substanciais para o ensino da leitura a fim de que o aluno possa compreender o verdadeiro sentido da literatura e fazer dela um instrumento de transformação social. Por isso, a dimensão social da leitura é precisamente aprender o sentido das palavras na nossa vida, e isso só é possível quando a leitura interage com o leitor, sem essa interação não há interesse, logo, o texto se perde, assim como se perde o leitor que deixou de ler, de se informar e de entender o mundo.

E hoje, cada vez mais, a sociedade contemporânea exige dos agentes sociais um saber que renova, transforma e redimensiona outros saberes, condição fundamental aos sujeitos que visam se posicionar e resolver problemas imediatos. Todavia, é preciso considerar que a leitura crítica possibilita ao aluno um prazer maior com o texto, mas isso exige, muitas vezes, esforço e sacrifício por parte de quem lê.

3 LITERATURA E ENSINO

A literatura agrega um conjunto de valores de uma determinada sociedade, ainda que sua essência não seja essa, ela age sobre as pessoas e acaba por motivar o leitor a perceber os fatores externos pontuados pelo texto literário. Como um sistema de organização do pensamento do autor, a obra literária opera sobre o leitor que renova e constrói outras reflexões, ou seja, uma obra literária nunca é originalmente única, há sempre outras vozes, outros textos, outros autores. Para Candido (1985), um dos maiores críticos literários de todos os tempos, defende a ideia da existência de uma obra literária, e que essa obra é sempre um sistema vivo de outras vozes:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura a atuando no tempo. (CANDIDO, 1985, p.74).

Para Candido (1985) a literatura existe a partir da relação texto/leitor/autor, logo ela nasce de uma ação coletiva desses sujeitos. No ato da recepção, seu criador é o leitor, é este o responsável pela atualização e legitimidade da obra dentro de um determinado espaço-temporal. Qual seria então, o papel da escola na formação de um leitor que no ato da recepção possa externar os efeitos positivos ou negativos provocados pela literatura? Como o professor pode organizar suas aulas de literatura e fazer com que o aluno perceba as outras vozes que permeiam o texto literário?

Na tentativa de responder essas questões, podemos inferir que o ensino de literatura proporciona um grande desafio para o professor na atualidade, e a escola tem que pensar como formar leitores e produtores de textos dentro de um contexto em que a informação acontece de maneira cada vez mais urgente, em função da velocidade dos meios de comunicação de massa e do avanço das novas tecnologias. Como arte da palavra, a literatura pode colaborar com o crescimento dos educandos, pois ela expande as relações humanas, possibilita reflexões críticas acerca do homem e o seu modo de se relacionar com as pessoas em sociedade.

Para que o ensino de literatura se efetive de modo oportuno e consistente, o docente precisa provocar a reflexão nos leitores a fim de que esses percebam o valor e os sentidos do texto literário em seus aspectos estéticos, sociais e culturais, percebendo que “antes de se transformar em discurso estático, subverter a ordem provável da língua para alcançar determinados efeitos de comunicação, a literatura ‘se alimenta’ na fonte de valores de cultura”, Filho (2000: 104). Contudo, muitas vezes, o educando não compreende que o texto é a elaboração de uma visão ampla e representativa da vida social, pois agrega ideologia e comportamentos, ou seja, uma variedade de fatores socioculturais posta na estrutura do texto.

Segundo Lopes (1994, p. 368), o “ensinar literatura não pode deixar de ter em conta esta dupla dimensão dos textos literários pela qual, ao mesmo tempo em que fazem parte da cultura, e, por conseguinte do campo da opinião ou das significações consensuais, são, sobretudo o abalar destas”. Por isso, o ensino de literatura não é apenas selecionar uma quantidade de textos ou autores de uma determinada fase literária, e sim, mostrar aos alunos as múltiplas possibilidades que o texto oferece quando dialoga com os enquadramentos sociais presentes na estrutura de um romance, conto, poema e outros gêneros literários.

Seguindo esse mesmo pensamento, Beach & Marshall (1991, p.17) afirmam que “o estudo da literatura poderia ser justificado por sua habilidade para ajudar os alunos a compreenderem a si próprios, sua comunidade e seu mundo mais profundamente”. Assim, essa conjunção do texto literário e a grandeza cultural precisa ser discutida no âmbito escolar, procurando fazer com que os alunos entendam as expectativas e o significado que uma obra possibilita à transformação e ao crescimento enquanto leitor e sujeito social.

De acordo com Zilberman (1993, p.17) o ensino de literatura está associado ao crescimento da habilidade de ler, existindo uma impossibilidade de que “a ação

implícita no verbo em causa não tornar nítido seu objeto direto: ler, mas ler o quê? ” Assim, ainda que proporcione a concepção excepcional para a leitura, a autora se refere exclusivamente à obra literária e a responsabilidade do estudo do texto, conforme a leitura das obras, estabelecendo o progresso do leitor.

Para Beach & Marshall (1991), a leitura da literatura está ligada ao entendimento do texto, ou seja, a prática literária é experimentada pelo leitor, na obra lida, à medida em que o ensino da literatura se caracteriza como a análise do texto literário, sem deixar de lado o estudo, a organização da estética do texto, pois conforme experimentamos o texto, através da leitura, somos estimulados e perceber a materialidade dos estratos externos na constituição da obra, e ler a literatura e a aceitá-la não apenas como coisa esteticamente regulada.

Na perspectiva de Filipouski (2006), o ensino literário tem como finalidade desenvolver a competência da leitura literária, abrangendo, especialmente, melhorar a capacidade de pensar e agir do leitor, fazendo com que esses alunos participem das discussões literárias dentro de um procedimento interativo com o texto, e o professor, este como mediador do processo. Nessa mesma perspectiva, Coelho (2000), nos diz que a literatura pode ser usada como uma forma de trabalhar outras disciplinas, pois:

A Literatura é um autêntico e complexo exercício de vida, que se realiza com e na Linguagem – esta complexa forma pela qual o pensar se exterioriza e entra em comunicação com os outros pensares. Espaço de convergência do mundo exterior e do mundo interior, a Literatura vem sendo apontada como uma das disciplinas mais adequadas (a outra é a história) para servir de eixo ou de “tema transversal” para a interligação de diferentes unidades de ensino nos novos Parâmetros Curriculares. (COELHO, 2000, p. 24)

A literatura é um exercício que só é possível vivenciar por meio de leitura das obras, por isso a importância de se trabalhar na disciplina de língua materna os textos literários, uma vez que essa leitura ajuda os alunos no seu desempenho escolar, pois o ato de ler favorece as capacidades cognitivas, colaborando, assim, com o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, principalmente dos jovens leitores ainda em formação escolar e acadêmica. Se a literatura forma o leitor crítico, preparando-o para a formulação de seus próprios significados, dando-lhe liberdade para produzir e reproduzir suas próprias opiniões, ela é uma atividade em que o

leitor constitui um exercício ativo de comunicação e de compressão da realidade. Deste modo, Paulino & Cosson (2004) defendem que o texto literário:

[...] veicula uma modalidade de conhecimento partícua que não se assemelha ao saber produzido pela ciência. Sendo ao mesmo tempo representação e análise, a literatura possibilita o resgate da realidade. Essa modalidade de texto, por sua natureza, possibilita a crítica e a contradição através de uma linguagem não linear, isto é, distinta da linguagem comum. O autor aproveita seu conhecimento de mundo, recria essa experiência através dos recursos de seu imaginário e expressa-a por meio da linguagem artisticamente trabalhada. Uma vez que esse texto relaciona-se com a realidade e a experiência humana, desempenha uma função muito significativa no aspecto comunicativo, pois auxilia o sujeito a emancipar-se na medida em que pode libertá-lo do processo de massificação a que está submetido pela informação dirigida a qual encobre as contradições e não faz apelo crítico. (PAULINO e COSSON, 2004, p.65).

Neste sentido, a função da literatura não é a do princípio de utilidade, mas de provocar interesse e compreensão sobre a vida social, e a capacidade humana de agir frente às questões individuais e coletivas. Por conseguinte, é o leitor que se figura como peça essencial na transformação e mudança de comportamento de uma sociedade. Logo, suas ações passam a ser e a ter um caráter subjetivo e ao mesmo tempo consciente, adaptando-se ao mundo real. Considerando a dimensão da leitura literária na formação humana, a escola precisa repensar o lugar da literatura na sala de aula, não como única possibilidade, mas como um caminho que pode despertar e, posteriormente, formar leitores críticos e ativos. Para Paulino & Cosson (2004) compreendem que:

Por ser um fenômeno social, a literatura necessita ser ministrada por um professor que tenha sensibilidade para captar os acontecimentos e os problemas que envolvem a sociedade. Para que a literatura desperte a atenção do aluno, ela precisa estar vinculada com a vida, pois, literatura é efetivamente vida. Dessa maneira, o professor, além de estar informado sobre a sua disciplina, precisa estabelecer relações que possibilitem a leitura do mundo pelo viés da literatura. (PAULINO E COSSON, 2004, p.68)

A leitura literária proporciona o crescimento do homem em seus aspectos físicos e simbólicos, contribui para a recuperação da materialidade humana e colabora com a disposição do raciocínio, livrando o sujeito da alienação e da opressão social. Conforme os pressupostos de Paulino e Cosson (2004), a literatura oportuniza a reflexão sobre os problemas que os seres humanos vivenciam, e esses discernimentos possibilitam o amadurecimento do indivíduo e o prepara para

enfrentar os desafios que a vida oferece cotidianamente, daí a necessidade de a escola despertar no aluno o interesse pela leitura literária, fazendo-o perceber a conexão entre a literatura e a vida em sociedade.

4 A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE BREJO DO CRUZ – PB

A literatura apresenta uma dimensão social e cultural expressiva, a pluralidade de temas e questões representativas da realidade de um determinado contexto, que revela um significativo estudo nas diversas áreas do conhecimento, pois, além de toda a sua imponente estética, possibilita pensar a vida e transformá-la, viabilizando a expansão do homem de forma mais articulada e equilibrada entre a utopia e a realidade. Partindo dessas premissas, cabe pensar a importância do ensino de literatura, principalmente no que tange a leitura do texto literário no ambiente escolar, uma atividade necessária ainda pouco valorizada por algumas escolas e professores da educação básica.

A intenção não é rotular qualquer que seja a escola e sua prática docente, mas chamar a atenção sobre a relevância da literatura na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, visto que a leitura do mundo interno dos textos literários, apesar de toda invenção e quimera, pode libertar o homem da opressão do mundo externo. A questão colocada aqui, é saber como ocorre o ensino da literatura no nível médio de uma escola no alto sertão paraibano, observando a compreensão de professores e alunos sobre o sentido dessa arte para o desenvolvimento humano.

Desta forma, interessa-nos discutir o tratamento dado à literatura no espaço escolar, principalmente no ensino médio, pois como bem lembra Cosson (2006), desde o ensino fundamental ainda prevalecem “as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, [...] partir de textos incompletos, [...] no ensino médio resume-se a seguir o livro didático, aulas informativas sobre autores, características de escolas e obras, com raras oportunidades de leituras de um texto integral”. (COSSON, 2006, p. 22).

De acordo com o teórico, esse procedimento acaba, de algum modo, afastando o aluno do universo da leitura literária. Diante dessa realidade, o professor, muitas vezes, acaba gerando um conflito e o que impera, quase sempre,

é a desculpa de que os alunos não leem porque não dispõem de interesse. Esse abismo é legitimado pela falta de motivação das partes desse processo – de um lado o professor de língua portuguesa ou de literatura que, na maioria das vezes, não é um leitor ativo de literatura, e do outro o aluno que, desmotivado, encontra em outros suportes algo mais interessante que a leitura de uma obra literária, como as redes sociais, por exemplo, cuja leitura pouco favorece uma discussão e análise de opiniões mais específicas e amplas sobre variados temas. Não que esse tipo de leitura não seja válido e provocativo, pois, sem dúvida nenhuma, pode ser instigante e provocar infinitas discussões, mas pode dissolver-se no ar pela falta de materialidade do discurso efetivo, o olho no olho, e pela ausência do jogo de perguntas e repostas em tempo real. Por essa razão, é importante destacar a pertinência de provocar uma ampla e oportuna discussão sobre o assunto.

4.1 O campo de pesquisa: contextualização

A Escola Estadual de Ensino Médio Professor José Olímpio Maia foi fundada no ano de 1961, no governo de Pedro Moreno Gondim, com área construída de 1.870,71m², contendo 08 salas de aula, Laboratório de Informática, Sala de Recursos, Sala de Vídeo, Laboratório de robótica e de Matemática, Quadra Poliesportiva, Biblioteca, Secretária, Sala de Professores, além de instalações sanitárias suficientes para os alunos e funcionários, uma Cozinha e um Refeitório.

A referida escola está situada à Rua Horácio Pimenta nº 225 em Brejo do Cruz, Paraíba, Lei que regulamenta a sua criação é a de nº 5.192 de 28/01/1971. Atendendo aos dispositivos contidos no Registro Escolar, a instituição de ensino atende a alunos nos turnos: matutino, vespertino e noturno, distribuídos em 15 turmas, as quais oferecem Educação para os níveis de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio em regime seriado. Atendendo, desta forma, alunos a partir de 13 anos de idade, de ambos os sexos e de várias camadas sociais, com um total de 432 alunos matriculados.

O quadro de servidores da escola consta de 42 funcionários, sendo 19 professores e 10 funcionários administrativos e auxiliares distribuídos nos três turnos. A instituição é administrada por um grupo de gestores, formado pelo diretor, vice-diretor e secretária geral. Além dos conhecimentos de base curricular comum, a

escola também mantém a Banda Marcial e Corpo Correográfico com aulas e apresentações em horário contra turno e finais de semana, e com apresentações no município e cidades vizinhas.

4.2 Dos procedimentos da pesquisa

As formas de abordagens desta pesquisa inserem-se no método qualitativo e quantitativo e, considerando o nível do problema e a complexidade do procedimento, optamos por fazer um levantamento da realidade de ensino de literatura em 04 turmas do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Professor José Olímpio Maia, situada no município de Brejo do Cruz no alto sertão paraibano, por meio de questões abertas aos alunos e professores, visando garantir uma possível precisão dos resultados e justificar a natureza da pesquisa.

A leitura literária provoca a curiosidade e nos coloca diante de múltiplas possibilidades de conhecimento sobre diversas áreas, e isso nos definem como leitores das palavras, do sentimento e comportamento humano. Notou-se que durante o Estágio Supervisionado, a ausência de textos literários nas aulas de Língua Portuguesa, visto que ao longo do período de observação os professores não se referiam a aulas de literatura, mas de língua portuguesa, o que pode explicar a escassez da leitura de texto literária em sala de aula. Para dimensionar a pesquisa optamos por fazer um levantamento quantitativo dos alunos, que mantém, ou não, um contato com a leitura literária em sala de aula, e de que forma é feita, ou não, essa abordagem, mais precisamente em 04 (quatro) turmas de 1º ano do Nível Médio de uma escola pública do município de Brejo do Cruz.

Para coletar esses dados foi aplicado um questionário no qual os alunos responderam a 08 (oito) questionamentos sobre literatura e ensino. Considerando a importância de manter o sigilo da identidade dos alunos que participaram voluntariamente da pesquisa, orientamos que não era necessária a identificação pelo nome. Ressaltamos que todos os colaboradores estudam no turno matutino, e participaram da pesquisa 124 alunos das turmas “A”, “B”, “C” e “D” do 1º ano do Ensino Médio, com faixa etária entre 13 a 17 anos, oriundos da cidade e do campo, a maior parte pertence à camada social baixa, a maioria é novato no ano que cursa, com poucos repetentes.

Vale ressaltar que os professores das referidas turmas foram questionados sobre o que pensam e como lidam com a literatura em sala de aula. O procedimento para coletar as impressões dos professores de língua portuguesa seguiu o mesmo utilizado para os alunos, por meio de questionários com perguntas abertas, um total de 04 questionamentos envolvendo desde a funcionalidade da literatura aos processos de intervenção em sala de aula por parte dos três educadores.

4.3 Dos questionamentos o que pensam e o que fazem os alunos

Para saber o que pensam sobre a literatura, elaboramos 08 questões que vão desde a relação do aluno com a leitura ao tratamento que é dado à literatura no espaço escolar. Para tentar sistematizar os dados coletados, disponibilizaremos as respostas dos alunos em gráficos, procurando compilá-las de acordo com a similaridade das respostas, com destaque para aquelas que consideramos mais consistentes às discussões, conforme demonstrativos nos gráficos seguintes.

Para as oito perguntas formuladas aos alunos, obtivemos os seguintes resultados. Lembrando que alguns alunos deixaram de responder. Como se tratavam de questões abertas, a exposição das falas será realizada ao longo de nossas análises.

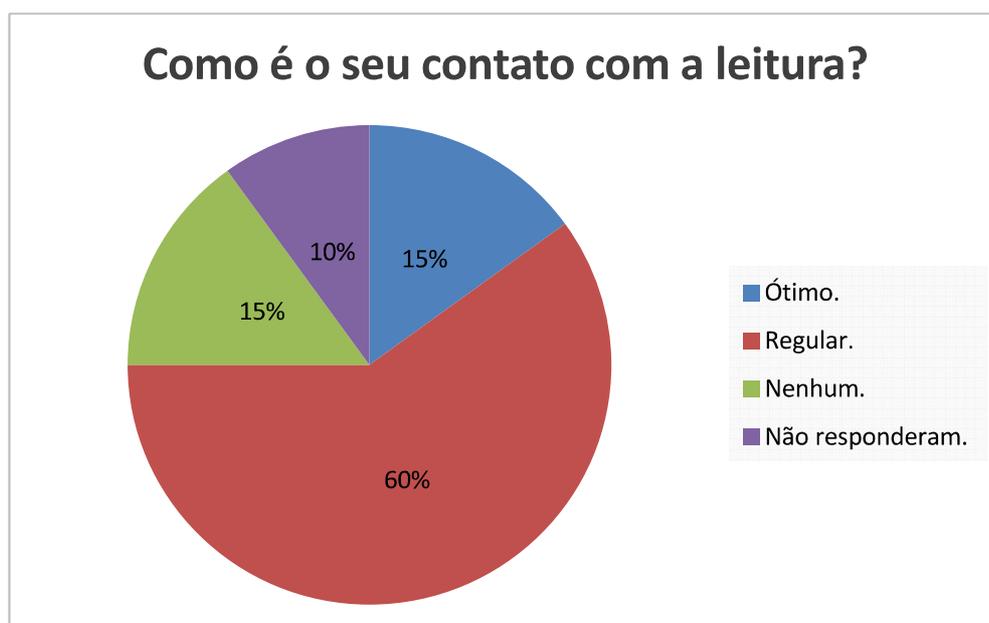


Gráfico 1

Percebemos que alguns alunos não tem contato efetivo com a leitura, pois, o percentual de alunos que revelaram ter uma relação com qualquer tipo de leitura ainda é muito ineficiente se considerarmos o nível de escolaridade das turmas, quando se espera que no ensino médio a bagagem de leitura ultrapasse essa expectativa estatística. A escola parece que ainda não se deu conta da necessidade de contemplar a leitura enquanto prática social indispensável à vida dos sujeitos. Sobre esse aspecto, Sousa (2008) destaca que:

[...] a leitura compreendida como prática social se insere no espaço escolar como seu lugar instituído, regulamentado e naturalizado, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de refletir as práticas mais gerais de leitura que vinculam o leitor a outros espaços sociais. De maneira geral, diria que, na sociedade atual, queiramos ou não, somos obrigados a ler. Quando se trata de professores e alunos, a questão de ser ou não leitor se torna, no mínimo, estranha. Quero dizer com isso que, do ponto de vista da escola, essa é uma questão mal formulada. Parece-me que não se trata de não ler, mas do que se lê e como se lê. (SOUSA, 2008, p.4).

Nesta lógica, a leitura é uma atividade que perpassa a prática social, sobretudo, quando o aluno afirma ter uma ótima relação com a leitura, mas não consegue explicar o sentido dessa relação para a sua vida. Para isto, a escola enquanto espaço privilegiado para desenvolver o gosto por esse processo, é responsável pela formação dos alunos leitores. Todavia, vale ressaltar, que esta função não é apenas da escola, cabe à família e a outras instâncias sociais despertarem o prazer de ler, e sobre a importância de compreender o mundo a partir da palavra.

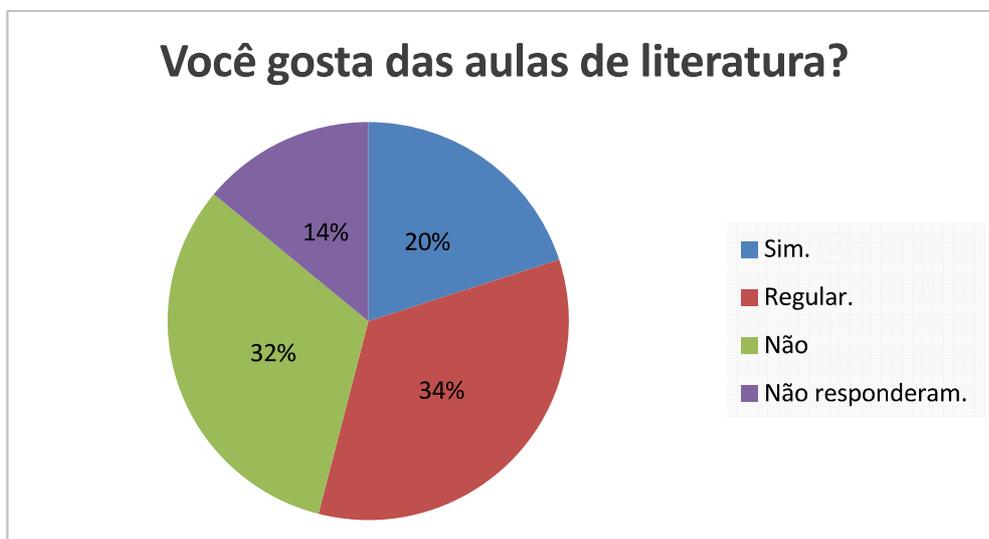


Gráfico 2

Muitas vezes, as aulas de literatura se tornam um fardo para os alunos uma vez que têm de lidar com uma série de informações sobre o autor e o período de produção de sua obra. Embora essa realidade tenha mudado muito nos últimos anos, ainda é perceptível uma prática de ensino que contempla a historiografia literária, e isso não contribui muito para um ensino eficiente da leitura da obra, pois, quando não esquecida de vez, ela quase sempre fica em segundo plano.

Os alunos que disseram gostar mais ou menos das aulas, afirmaram que elas são cansativas e pouco compreensíveis. Já os que disseram não gostar de literatura, em algum momento revelaram que não costumam ter aulas de literatura. Com isso, presumimos que esta compreensão está ligada à ideia de que a literatura trabalhada em sala de aula não estabelece uma estreita relação com o texto literário, ou seja, com a leitura da obra. A respeito desta questão, Sousa(2009) lembra que:

A distância entre os leitores e esses textos sinaliza a ausência de uma prática de leitura de textos que não estão diretamente relacionadas ao cotidiano. O leitor até ensaia uma leitura-estudo: tenta, tenta e não consegue. Falta quem ensine, quem forneça pistas, chaves que facilitem a caminhada interpretativa do leitor. (SOUSA, 2009, p. 12).

Na escola, o professor é o grande responsável por ensinar a ler, oferecendo condições para que o aluno se torne um leitor autônomo, capaz de fazer as suas buscas. Outro fator que pode colaborar e motivar o aluno para a leitura literária diz respeito à escolha do livro que, muitas vezes, é feita conforme o interesse do professor, deixando de atender as necessidades e anseios dos leitores em formação, que se distanciam da literatura porque não encontram sentidos no que leem, ou seja, não há uma relação com o seu cotidiano, com a sua realidade. Contudo, a família não pode se furtar dessa responsabilidade, e a melhor maneira de motivar é pelo exemplo, quer seja ouvindo histórias ou presenciando a prática da leitura em casa.

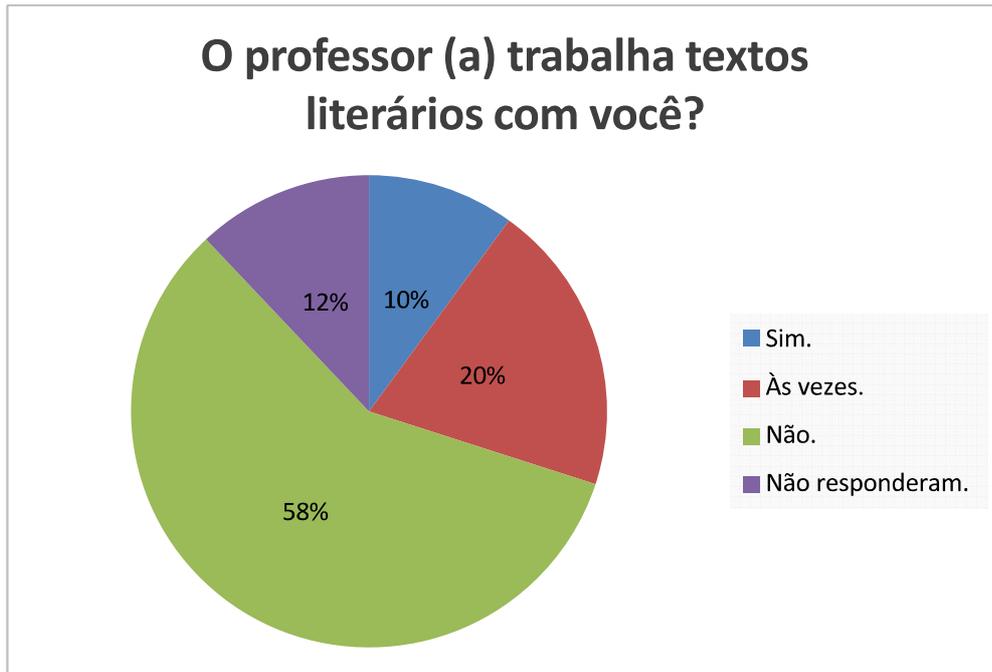


Gráfico 3

Como podemos verificar as aulas práticas de literatura nas referidas turmas não favorece uma boa contemplação a leitura do texto literário, pois um número muito restrito afirmou que o professor trabalha nessa perspectiva. Essa realidade se confirma quando mais da metade dos alunos que responderam ao questionamento afirmam que esse recurso não é utilizado nas aulas de literatura, o que nos leva a desconfiar de um ensino ainda muito voltado à história da literatura, deixando de oportunizar uma experiência de leitura significativa à vida do aluno por meio da obra literária.

De acordo com Cosson (2011, p. 17) “[...] não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência, ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor”. Assim, o professor precisa implementar a leitura literária na sala de aula e para além dos muros da escola.

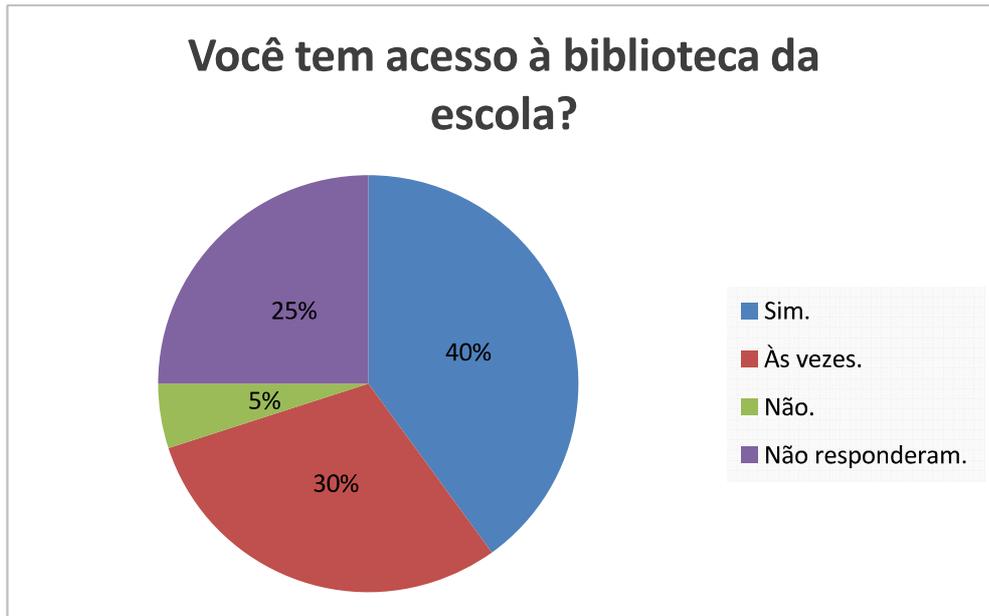


Gráfico 4

O MEC (Ministério da Educação e Cultura), por meio do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), distribui livros didáticos, acervos literários, obras complementares e dicionários às escolas, e isso implica dizer que independente de ter um espaço físico ou não, as escolas recebem uma quantidade considerável de livros literários que, a bem da verdade, são de excelência. Contudo, esse material que chega às escolas, muitas vezes, fica guardado na sala do diretor (a), sem funcionalidade alguma, a desculpa dada por uma grande parte dos dirigentes é a de que os alunos estragam os livros.

Um dado curioso em relação às respostas dos alunos sobre o acesso à biblioteca, é que chama a atenção é o fato de que muitos deles afirmam, anteriormente, alguma dificuldade com a leitura literária. No entanto, a maioria afirmou que frequentavam a biblioteca o que revela, de certo modo, uma inconsistência se comparada às respostas aos questionamentos anteriores. Resta saber o que eles fizeram durante as visitas, quais são os encaminhamentos do professor, ou se a pergunta condicionou a essa resposta, pois eles podem ter compreendido esse acesso como a liberdade de acesso ao espaço físico, sem necessariamente precisar desenvolver qualquer atividade relacionada com a leitura.

Ainda que a pergunta, possivelmente, tenha gerado um conflito, entendemos que biblioteca escolar é um ambiente indispensável para que a educação alcance melhores resultados. Para isto, é essencial que esse espaço seja organizado de

forma democrática e com objetivos definidos. Sobre essa questão Silva reconhece que:

A Biblioteca Escolar é um espaço democrático, conquistado e construído através do “fazer” coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais) – sua função básica é a transmissão da herança cultural às novas gerações de modo que elas tenham condições de apropriar-se do passado, enfrentar desafios do presente e projetar-se no futuro. (SILVA. In: MAROTO, 2009, p. 75).

Durante as nossas observações, constatamos que há uma acervo considerável de livros na biblioteca da escola. Embora não seja objeto desta pesquisa, mas é importante destacar que durante as nossas visitas não observamos qualquer movimento de alunos nas dependências da biblioteca, e isso provoca agora um certo estranhamento quando analisamos as estatísticas do gráfico 4. Todavia, não nos cabe fazer nenhum juízo de valor, pois o uso da biblioteca não é o nosso foco apenas confrontamos os dados para melhor elucidar a nossa compreensão entre o que disseram os alunos e o que observamos durante o estágio supervisionado.

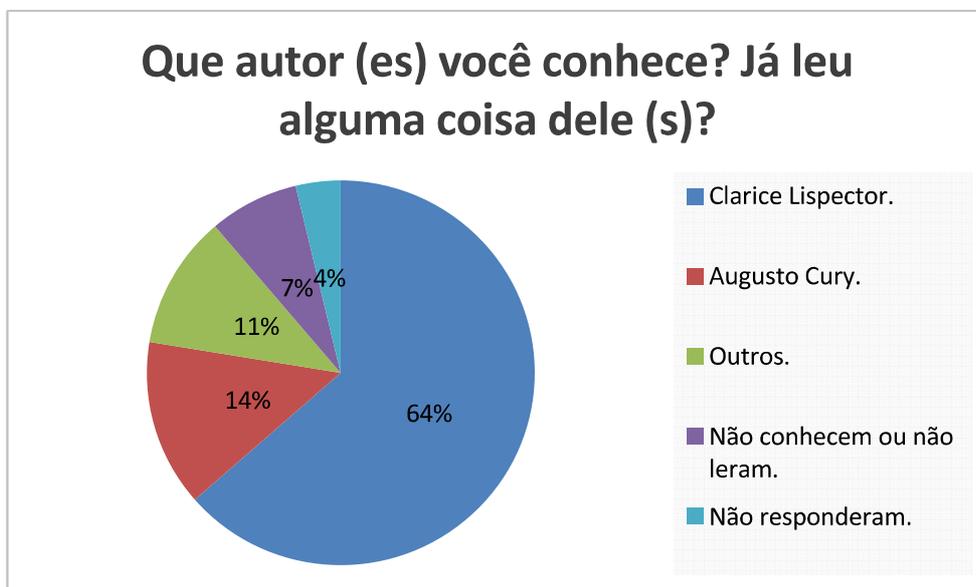


Gráfico 5

Para este questionamento, vamos considerar o percentual atribuído a Clarice Lispector e ao Augusto Cury. Para os que não conhecem ou não leram nenhum autor, isso, possivelmente, revela mais uma vez fragilidade do ensino de literatura,

embora tenha melhorado consideravelmente se comparado à realidade do ensino de décadas anteriores. O que chamou atenção em relação ao reconhecimento de que conhecem e já leram algum texto de autores da literatura foi o fato de que muitos revelaram ter lido frases e pequenos textos de Clarice Lispector, isso pode estar diretamente ligado às frases atribuídas à autora nas redes sociais. O mesmo acontece com o escritor Augusto Cury, cuja obra ainda é bastante discutida pela crítica no que tange a sua qualidade literária. Nota-se, portanto, de acordo com a resposta e os comentários dos alunos a fragmentação e deficiência de leitura.

Outra questão, é saber qual o conceito de leitura dos alunos, visto que no gráfico 1 mais da metade disse ter uma relação regular com a leitura, ao passo que agora afirmam conhecer dois autores e ter lido frases e pequenos textos, ainda que esses alunos não tenham uma dimensão do que seja um leitor efetivo de literatura, é preciso reconhecer que toda e qualquer forma de leitura é válida desde que provoque questionamentos e mudanças de comportamento, seja pela sabedoria individual ou coletivamente de uma obra. Todorov (2010) nos esclarece que:

:

Os livros acumulam a sabedoria que os povos de toda a terra adquiriram ao longo dos séculos. É improvável que a minha vida individual, em tão poucos anos, possa ter tanta riqueza quanto a soma de vidas representada pelos livros. Não se trata de substituir a experiência pela literatura, mas multiplicar uma pela outra. Não lemos para nos tornar especialistas em teoria literária, mas para aprender mais sobre a existência humana. Quando lemos, nos tornamos antes de qualquer coisa especialistas em vida. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às ideias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade (TODOROV, 2010, p. 38-39).

Diante desses pressupostos, reconhecemos a importância da leitura na formação do homem, como bem defende o crítico Antonio Candido, uma vez que no ato da leitura há uma troca de experiências entre dois mundos: o interno e o externo, isto é, o mundo que está na estrutura do texto literário, o ficcional, e o mundo fora do texto, a realidade, a vida cotidiana das pessoas.



Gráfico 6

Os dados acima revelam uma outra realidade, visto que um número expressivo dos alunos entrevistados confessam gostar de ler romances policiais, embora essa declaração pareça contraditória se comparada às respostas anteriores, quando eles disseram que não tinham muito contato com a literatura, e poucos afirmaram ter lido um romance, quando muitos leram frases e pequenos textos da Clarice Lispector, Augusto Cury e outros. Essa contraposição, ao que parece, tem a ver com aspectos conceituais que incorrem desde a compreensão sobre o ato de ler ao conceito de literatura, gênero e tipologia textual.

A questão colocada aqui é saber se a escola trabalha a leitura literária e de que forma se dá essa atividade. Pelo que podemos perceber, os jovens alunos leem literatura sim, mas essa leitura não ocorre de forma efetiva no espaço escolar. Em todo caso, é importante reconhecer que o professor, de algum modo, pode despertar no aluno o gosto pela leitura fora do ambiente escolar. Conforme se observa nas respostas dos alunos, o romance policial romântico e trágico são os preferidos dos jovens leitores, isso explica porque muitos meninos e meninas se debruçam nos romances Best-sellers, cujos temas abrigam desde o amor romântico às histórias de bruxas, crimes e investigações policiais.

Como foi dito, os alunos parecem confusos quanto à compreensão do que seja um leitor de literatura, pois se a maioria respondeu que ler esses três gêneros literários, parecem confusos se confrontados com as questões respondidas anteriormente. Todavia, é sabido que os jovens de hoje estão lendo coleções inteiras e, diga-se de passagem, extremamente volumosas de romances best-

sellers, a saber as sagas “Crepúsculo” e “Cinquenta tons de cinzas” estão entre a lista de preferência da garotada. Quanto ao romance policial assumir a primeira posição no gosto dos jovens, isso se deve, possivelmente, porque o gênero gira em torno de crimes, investigações, suspense e surpresas. Sobre esses aspectos, Lins (1947) afirma que:

O romance policial, mais do que os outros [romances], é um mundo particular e fechado, com os seus personagens, com os episódios, com as suas emoções, com os seus encantos, com as suas grandezas e miséria, tudo diferente do mundo normal em que vivemos. A leitura de um romance policial é uma evasão, uma troca de realidades, é a entrada num universo de natureza anormal, o do crime, apaixonando os leitores não só pelo extraordinário, mais por uma ligação secreta com este mundo de horrores, operada na circunstância de que no homem mais virtuoso ou tímido existe a possibilidade de praticar o ato anormal do criminoso. (LINS, 1947, p.11)

Esse jogo entre criminosos e investigadores aguça a curiosidade dos jovens leitores à medida que se coloca como parte das narrativas na tentativa de desvendar os crimes. Por outro lado, os alunos também admitem gostar de romances românticos, porque tratam de histórias de amor e final felizes, segundo revelaram alguns dos entrevistados. Essa ideia de final feliz está muito ligada aos contos de fada e quando a narrativa destoa dessa perspectiva, os jovens se sentem frustrados e qualificam o romance como não-romântico e pouco interessante porque desconstrói esse horizonte de expectativa.

Outra questão que chama atenção é o fato dos alunos expressarem uma simpatia pelo romance trágico, cuja violência está no cerne dessas narrativas, segundo os leitores, esses romances representam a realidade da violência no mundo inteiro. Assim, há uma compreensão de que a literatura imita a realidade que faz parte do cotidiano desses jovens.

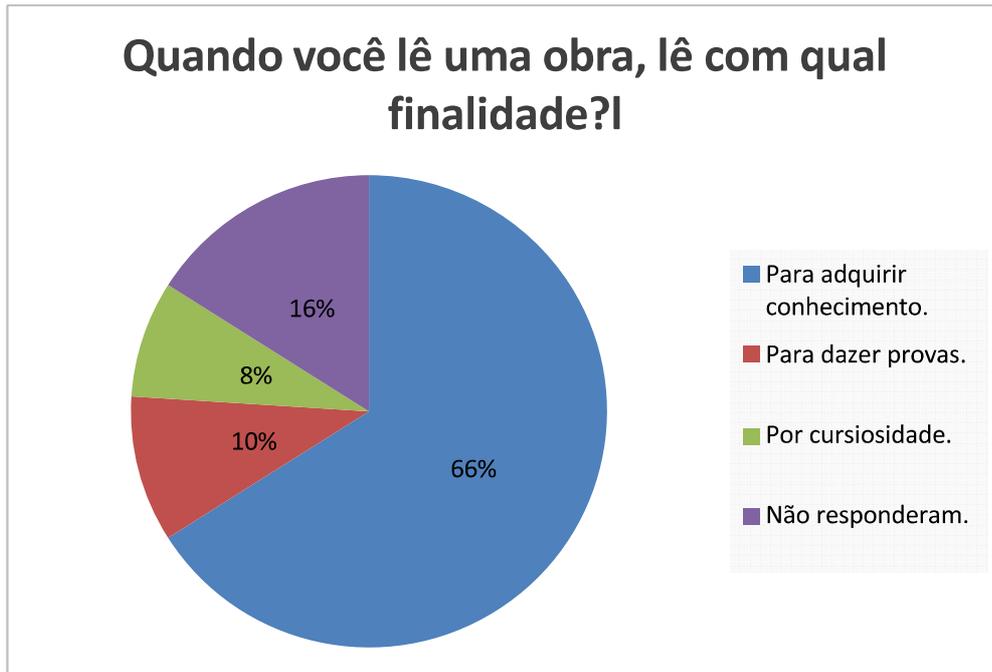


Gráfico 7

Conforme podemos constatar no gráfico acima, uma parte expressiva dos alunos acreditam que a leitura produz conhecimento porque traz informações, melhora o vocabulário e possibilita uma interação com as histórias narradas. Isso se deve, talvez, à ideia de que a leitura de um modo geral serve para ensinar. Embora o texto literário não se preste único e exclusivamente a essa finalidade, ele ensina à medida que provoca questionamentos sobre a vida individual e coletiva do homem, que reflete sobre os problemas a partir de estratos sociais perceptíveis na estrutura do texto literário.

De acordo com Martins (1994, p. 82), “[...]. Para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expressão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais”. Nessa perspectiva, produz conhecimento porque a linguagem literária é uma representação da realidade do leitor e, por isso, o desempenho participativo do leitor com a obra se configura em um jogo de perguntas e respostas no ato da recepção do texto.

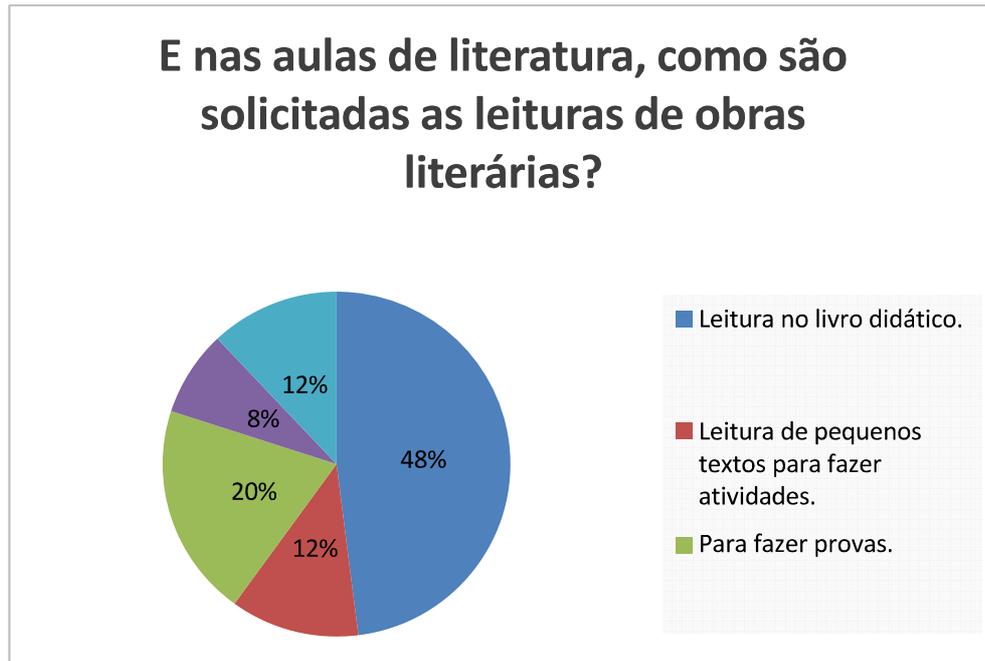


Gráfico 8

Esse gráfico explica o que foi dito em outros momentos sobre a compreensão acerca do ensino de literatura na escola e a concepção de leitor, quer seja de textos literários ou não. O livro didático surge como um dos instrumentos mais utilizados pelo professor na hora de ensinar a literatura, uma vez que esse manual inclui todas as modalidades de ensino de língua portuguesa, da gramática ao ensino de literatura. Sobre essa questão, Cereja (2005, p. 60), discutindo o nivelamento do livro didático com a qualidade do ensino, lembra que o manual didático procura “conciliar as três modalidades do programa num único volume para cada série – com a inclusão, além da parte teórica, de roteiros ou questionários de leitura e análise de textos, listas de exercícios gramaticais, propostas de produção textual [...]”.

De acordo com as proposições do autor acima mencionado, essa estrutura organizacional do manual didático satisfaz as necessidades do novo perfil dos alunos que chegam ao ensino médio, principalmente aqueles que não têm tempo e pouco recurso para a leitura e, por isso, buscam a informação mais veloz e sintética.

Essa compreensão parece destoar do pensamento de outros teóricos, conforme podemos perceber nas palavras de Kleiman & Moraes (1999, p.66) quando defendem que “o livro didático, quando usado como única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma

leitura legítima para o texto”. Nessa mesma linha de pensamento, as orientações curriculares para o ensino médio, propagam que:

O livro didático [...] pode constituir elemento de apoio para que se proceda ao processo de escolha das obras que serão lidas, mas de forma alguma poderá ser o único. Os professores devem contar com outras estratégias orientadoras dos procedimentos, guiando-se, por exemplo, por sua própria formação como leitora de obras de referência das literaturas em língua portuguesa, selecionando aquelas cuja leitura deseja partilhar com os alunos. (OCNEM, 2006, p. 64)

Assim, o livro didático surge como um dos muitos recursos para ensinar, por isso é importante que o professor ofereça condições para a leitura, também, da obra literária em sua totalidade e não apenas de fragmentos. Outros alunos disseram que preferem textos menores, pois é preciso considerar a disponibilidade dos alunos para as leituras nas condições atuais de ensino em que os professores estão sobrecarregados cada vez mais, e o ensino de literatura eficiente exige um professor leitor e disponível para planejar suas aulas de modo que os alunos compreendam o sentido dessa arte em suas vidas. Por isso defendemos que toda forma de leitura é válida desde que seja orientada pelo professor no sentido de provocar no aluno outras leituras possíveis para além da sala de aula.

4.4 Dos questionamentos: o que pensam e o que fazem os professores

Para saber o que pensam sobre a importância da literatura no desenvolvimento humano, bem como as estratégias de ensino que se apropriam para trabalhar com os alunos em sala de aula, consideramos relevante ouvir o que os professores das turmas dos 1º anos do ensino médio do turno matutino da Escola Estadual de Ensino Médio Professor José Olímpio Maia. Visando dinamizar a coleta dos dados, disponibilizamos os resultados em 4 gráficos, dividindo as 04 perguntas em blocos, conforme consta nos gráficos 1, 2, 3 e 4.

As respostas foram agrupadas de acordo com o nível de aproximação, pois apesar de o número dos entrevistados ser bem reduzido alguns professores repetiram o que os colegas falaram, outros acrescentaram algo a mais.

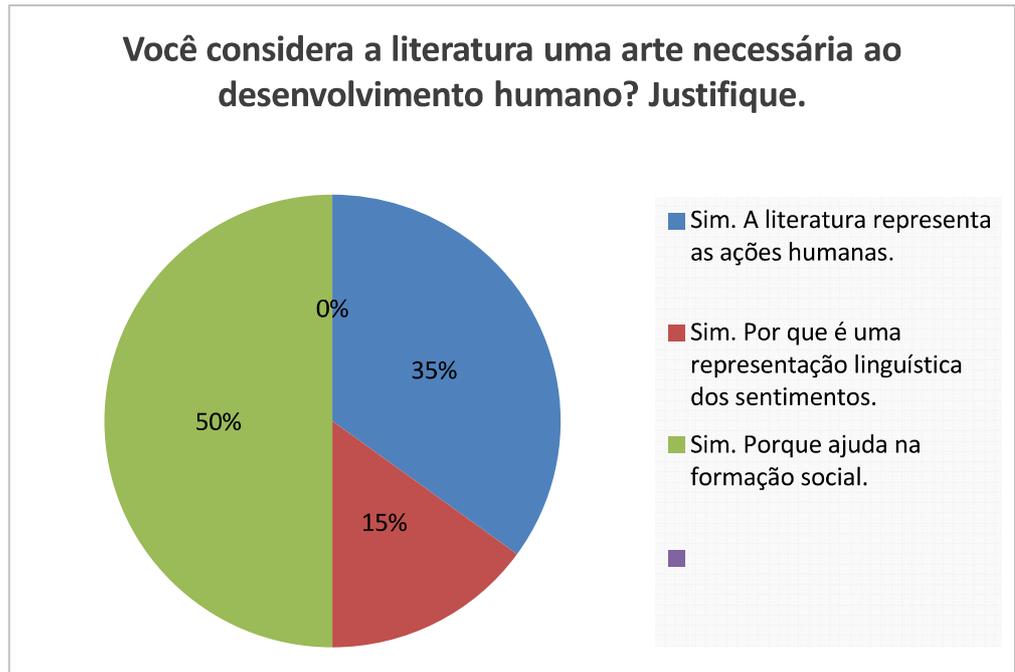


Gráfico 1

O reconhecimento de que a literatura é uma representação humana nos revela uma compreensão sobre a conexão entre esta arte e a sociedade, configurando, assim, como uma expressão da realidade, por meio de uma manifestação artística que transpõe pensamentos, anseios e atitudes. Apesar dos professores perceberem a essência e o significado da literatura na vida do homem, ainda continuam utilizando a literatura nas aulas de português. Vale também lembrar que essa compreensão foi quase que unânime, se considerarmos o teor da justificativa que os educadores deram para o entendimento de que a literatura é uma arte necessária ao desenvolvimento humano, uma vez que, conforme mostra o gráfico 1, há uma compatibilidade de percepção e discernimento.

Diante disso, a literatura é, também, uma representação linguística já que na arte, a palavra é um evento que projeta o tempo, o espaço e as ações ficcionais para demarcar a mobilidade do plano semântico de uma obra literária. Ao afirmarem que a literatura é uma representação linguística dos sentimentos, entendemos como uma compreensão de que ela traduz atitudes, anseios e conflitos de uma determinada época, o que remete para uma outra consciência – a de que a literatura é responsável pela formação humana e social.

Desta forma, infere-se, então, que os professores, apesar de algumas dificuldades para trabalhar com o texto literário em sala de aula, têm clareza do sentido da literatura, enquanto linguagem simbólica da realidade, por isso é sempre

possível pensar essa arte como “o alimento dos espíritos indóceis e propagadores da inconformidade”, pois segundo Llosa (2010):

A melhor contribuição da literatura ao progresso humano [seria] recordarnos (involuntariamente, na maior parte dos casos) de que o mundo se acha mal-acabado, de que mentem os que sustentam o contrário - por exemplo, os poderes que o governam -, e de que poderia ser melhor, mais próximo dos mundos que a nossa imaginação e a nossa palavra são capazes de inventar. (LLOSA, 2010, p.64-69).

A literatura é, pois, uma arte representativa da ficção, mas, também, da intertextualidade e da autorreflexão da vida humana e da sociedade de um modo geral. Portanto, há, por parte dos professores de língua portuguesa das turmas matutinas de 1º ano do ensino médio de uma escola pública do município de Brejo do Cruz, o reconhecimento da importância da literatura no processo de transformação e humanização do homem.

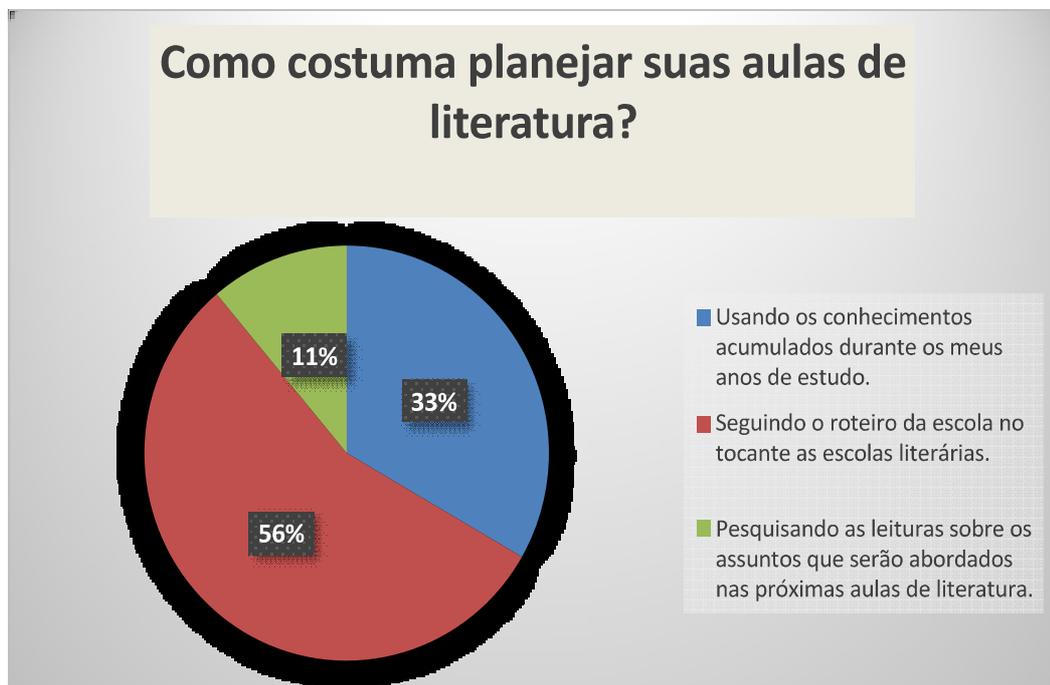


Gráfico 2

Como podemos constatar, uma grande parte dos professores recorre às experiências acumuladas sobre o ensino de literatura. Todavia, os professores ainda não deixaram claro como elaboram suas aulas, e com qual finalidade esses conhecimentos concentrados são disseminados para os alunos. Cabe lembrar, mais

uma vez que os professores entrevistados, em algum momento, disseram usar as experiências condensadas ao longo do tempo, mas também oscilaram suas respostas quando afirmaram que seguem a orientação da escola no sentido de trabalhar as escolas literárias, o que podem revelar, talvez, um ensino que valoriza ainda, ou apenas, a história da literatura, cujo rigor é estudar a periodização, características do autor e estilo de épocas literárias.

Todavia, ainda que em proporção menor, há uma preocupação na hora de selecionar e escolher os temas dos textos a serem lidos em sala de aula. Isso é muito significativo porque evidencia um planejamento pensado e elaborado de forma, possivelmente, para atender os interesses e as necessidades dos alunos, cujos objetivos, ao que parecem, visam a leitura da obra de forma a provocar uma discussão sobre os assuntos estudados em sala de aula. Desta forma, há o reconhecimento de que o professor pouco a pouco está superando a dificuldade na hora de trabalhar a literatura no espaço escolar, entendendo a relevância de contemplar o que há de mais significativo no processo ensino/aprendizagem nessa área: a leitura do texto literário.

Segundo Bamberger (1997, p. 13): “a leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação [...], e acentua a possibilidade de ajustamento à situação pessoal do indivíduo”, e isso exige sem sombra de dúvida um olhar irrestrito para os aspectos sociais e culturais nos quais o leitor está inserido.

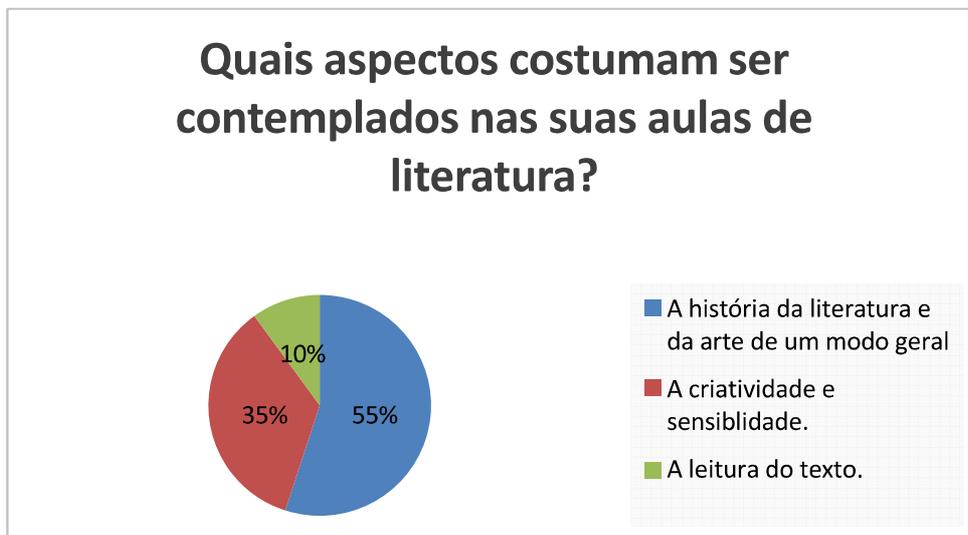


Gráfico 3

De certo modo, ao afirmarem que costumam contemplar os aspectos da história da literatura e da arte de modo geral, os professores legitimam a tendência maior de seguir um roteiro estabelecido pela escola no que se refere ao ensino de literatura, no qual parece ainda prevalecer o estudo voltado para a linha do tempo dos movimentos literários. Esse resultado se aproxima do percentual dos 56% que disse seguir a orientação da escola quanto ao ensino da arte literária, (gráfico 2).

A história da literatura é necessária e imprescindível para o conhecimento formal do sujeito, mas não é só isso, é preciso que o texto literário faça parte também do cotidiano do aluno em todas as fases de sua vida escolar. De acordo com Cereja (2005),

[...] ensinar literatura [...] com base na descrição de seus estilos de época, [...] autores e obras mais importantes tornou-se um expediente tão comum nas escolas, que para muitos professores é praticamente impossível imaginar uma prática de ensino diferente dessa [...]. (CEREJA, 2005, p.89)

É preciso, portanto, possibilitar ao aluno a expansão do pensamento, das emoções em constantes diálogos com o texto. Para isto, é preciso, conforme reconhece alguns professores, o despertar para a criatividade e a sensibilidade da literatura.

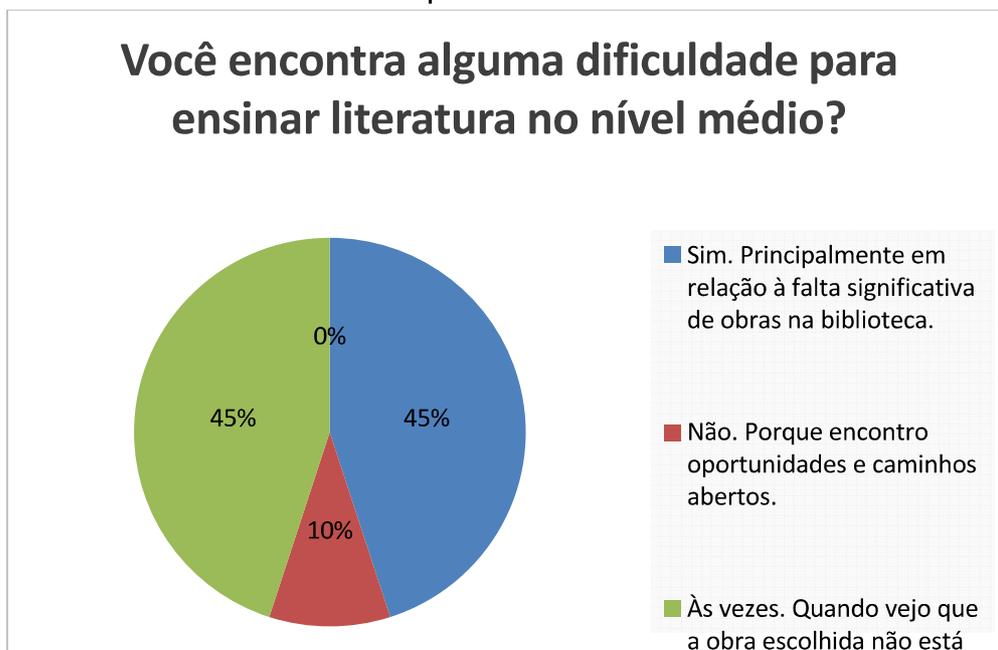


Gráfico 4

Alguns professores revelaram, que a dificuldade enfrentada na hora de trabalhar a literatura na escola está relacionada a falta de interesse dos alunos. Esse fato pode ter uma relação com o tipo de texto selecionado para a leitura, ou, talvez, os temas que estão na estrutura dos textos literários. É interessante, a partir dessa constatação, que o professor faça um levantamento sobre os interesses dos alunos, de que temas mais gostam e inseri-los nos processos de escolhas, evitando assim a recusa, a reclamação e o enfado das aulas de literatura.

Como já dissemos em outro momento, a justificativa de que há uma dificuldade de se trabalhar a literatura em função da falta de material, ou seja, da obra literária, não parece ser a mais consistente, visto que há uma política de distribuição de livros didáticos e literários às escolas, desde a educação infantil ao ensino médio. Muitas vezes, o que falta são procedimentos ou métodos didáticos para aproveitar os acervos literários que chegam às bibliotecas, pois, os livros ficam na sala do gestor, ou na sala da coordenação escolar, longe do alcance dos alunos.

Todavia, apesar de alguns obstáculos, acreditamos que é possível despertar para a leitura, mesmo quando a escola dispõe de poucos livros literários, cabendo aos professores de língua portuguesa e/ou de literatura cambiar outra postura e livrar-se do discurso cristalizado na ideia de que o aluno não gosta de ler, ou de que a escola não oferece condições de leitura em função da escassez de livros.

Todavia, aqueles que afirmaram não ter qualquer dificuldade com o ensino de literatura, pois encontra oportunidades e caminhos abertos, não ficou claro, para nós, essa assertiva, visto que não revelaram de que forma se apropriam dessas diretrizes de ensino, talvez, seja uma referência à liberdade de planejar as suas aulas sem, necessariamente, seguir um manual adotado pela escola, ou dispor de recursos didáticos para desenvolver as atividades de leitura em sala de aula.

Diante desses fatos, é importante destacar a importância de o professor ser um leitor efetivo de literatura, pois só se pode provocar curiosidade e o gosto pelos livros quando o aluno é provocado pelo professor a fazer novas descobertas, a fim de encontrar sentido entre o que lê na ficção e a vida real.

Segundo Aguiar (1988, p. 27), “todo hábito entra na vida como um jogo que, por mobilizar emoções, inspirar prazer, exige repetição contínua e renovada” Assim, para que a leitura seja uma prática corrente no ambiente escolar, é preciso que o professor proponha uma abordagem significativa da literatura, que contemple os interesses do leitor em formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é um campo do conhecimento essencial para a constituição e crescimento humano, não só pela graciosidade e divertimento que a obra possibilita, mas por proporcionar aos leitores pensamentos sobre si próprios e sobre o mundo ao seu redor, pois a leitura literária produz, ainda que indiretamente, o conhecimento e saberes que são indispensáveis à nossa formação pessoal, intelectual e profissional.

Em função disso, a leitura dos textos literários colabora com o desenvolvimento do homem em diferentes momentos de sua vida porque provoca reflexão e, conseqüentemente, promove mudanças e transformações importantes, uma vez que na literatura vinculam os mais diversos assuntos que expandem e transcendem a ficção para cumprir uma função mais social, visto que a obra literária muitas vezes, se configura como uma representação da realidade, cujos estratos externos se materializam na arte de seu criador.

A compreensão sobre algumas das muitas funções da literatura provocou a curiosidade de saber o que pensam os alunos e os professores de língua portuguesa de 04 (quatro) turmas dos 1º anos do ensino médio de uma escola pública do município de Brejo do Cruz, no alto sertão da Paraíba. Procuramos saber, também, de que forma eles compreendem a importância da literatura na formação humana, e a partir dessa investigação observar qual é o tratamento dado à literatura no espaço da sala de aula das referidas turmas.

Vale destacar, que o resultado da pesquisa aponta uma mudança, ainda que muito discreta, no ensino de literatura vigente, pois percebemos que há um entendimento sobre a necessidade de implementar a leitura literária no ambiente escolar, oportunizando ao aluno um contato com a ficção observando os enquadramentos sociais postos na estrutura de uma obra.

Desta forma, é possível inferir que atualmente a escola está mais atenta no sentido de despertar no aluno o prazer pela leitura, mesmo quando as estratégias ainda não dão conta de promover de forma satisfatória a formação do leitor, uma vez que continuamos presos a procedimentos que valorizam, na maioria das vezes, outras questões como o estudo da gramática e as interpretações que pouco provocam um diálogo com o texto.

Diante dessas constatações, deduzimos que o ensino de literatura que se deseja, exige esforço tanto por parte de quem ensina como de quem aprende, pois requer planejamento e disponibilidade de tempo para selecionar, ler e estudar o texto. Todavia, considerando que o professor dentro de suas limitações procura trabalhar a literatura, mesmo quando o único recurso parece ser o livro didático, cujos fragmentos de textos literários veiculados nesse instrumento, muitas vezes, trazem interpretações fechadas, sem possibilidades de discussão e reflexões sobre o texto.

Assim, defendemos a importância de se pensar um ensino de literatura que contemple a leitura do texto literário em sala de aula, de forma que o aluno se torne um leitor para além dos muros da escola e compreenda a função da literatura enquanto arte que nos possibilita pensar a dimensão da vida, nos perceber e entender o outro dentro de um sistema social classificatório e excludente, onde as pessoas são valorizadas em função de sua posição social e de suas capacidades intelectuais. Para mudar essa realidade, é preciso aprender e apreender a leitura de forma a despontar para um mundo mais justo e igualitário para todos.

Espera-se, portanto, que esta pesquisa possa ampliar o debate sobre o ensino de literatura no nível médio pois, embora existam inúmeras pesquisas que tratam desse assunto, a nossa defesa é a de que o tema não se esgota com esses estudos, tendo em vista as mudanças aplicadas ao ensino de um modo geral e, principalmente as diferentes expectativas dos alunos, seus anseios e perspectivas dentro de uma cultura contemporânea fugaz. Assim, esperamos contribuir no sentido de provocar algum tipo de questionamento tanto no professor de língua portuguesa/literatura quanto nos alunos e noutros agentes envolvidos no processo, a fim de que se conceba um ensino-aprendizagem de literatura mais satisfatório.

LITERATURE AND TEACHING: A LOOK AT A HIGH SCHOOL IN THE TOWN OF CRUZ-PB MARSH

ABSTRACT

The present work has as objective reflect on the teaching of literature in high school classes of a public school in the city of Brejo do Cruz-PB. This study is part of the descriptive research, because it is appropriate to collect data through observations and questionnaires. It is no longer what concerns technical technique, we resorted to the bibliographical revision, finally, to the field research in which we observe, we harvest and interpret the place of the literary text in classroom. As a theoretical contribution, we use the reflections of Beach, R., Marshall (1991); Candido (1972-1985); Freire (1989); Maia (2007); Silva (1998). The interest in questions related to an experience with Supervised Internship II, not qualified for an average practice of Portuguese-speaking teachers in dealing with a literature in the classroom. The result of the search for a solution to open a larger space for a literary textbook approach in the classroom, so that it is adapted from an enriching experience with the universe of fiction.

Key-words: Literary text. Reading. Teaching.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura, a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

BAMBERGER, Richerd. *Como incentivar o hábito da leitura*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1997.

BEACH, R., MARSHALL, J. *Teaching Literature in the secondary school*. 1991. USA: Harcourt Brace & Company.

BRASIL/SEMTC. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTC, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem. Ciência e cultura*. São Paulo: vol. 24, nº 9, setembro, 1972.

_____. O escritor e o público. *Literatura e sociedade*. 7 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985b.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: Arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FILIPOUSKI, A.M. Para que ler literatura na escola? In: *Teorias e fazeres na escola em mudança*. Porto Alegre: Editora da UFGS, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. *Educação e mudança*. Petrópolis: Vozes, 1984.

GONÇALVES FILHO, A. *Educação e Literatura*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KLEIMAN, A. MORAES, S. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

KOCH, Ingedore Grinfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. ed. 12. São Paulo: Cortez, 2009.

LINS, Alvaro. No mundo do romance policial. São Paulo: Ministério da Educação e Saúde: Serviço de Documentação, 1947. (Os cadernos de Cultura).

LLOSA, Mario Vargas. Em defesa do romance. In: Revista Piauí. N. 37. Out. 2010. P. 64-69. Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br/educacao_37/artigo_1159/Em_defesa_do_romance.aspx Acesso em: 03/04/2017.

LOPES, S. *A legitimação em Literatura*. Lisboa: Cosmos, 1994.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, - Coleção literatura e ensino, 2007.

MAROTO, Lucia Helena. *Biblioteca Escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. ed. 19, São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. ed. 8, São Paulo: Cortez, 2008.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Org.). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

SANTANA, Ana Lucia, Romance Policial. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/romance-policial>. Acesso em 20 de março de 2017.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. *Leituras de professores e alunos: entre o prazer e obrigação*. Trabalho apresentado no Encontro Internacional Texto e Cultura, Fortaleza: UFC, 2008.

_____. *Desnaturalizando os discursos sobre a leitura*. Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa: Idéia, 2009. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ccl/images/Documentos/TCCs/2010%20raquel%20monteiro%20da%20silva%20> Acesso em 03/ 04/ 2017.

TODOROV, Tzvetan. Literatura não é teoria, é paixão. *Revista BRAVO!* ano 12, n. 150, p. 38-39, fev, 2010.

YUNES, Eliana (Coord.). *A leitura e a formação do leitor*. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

_____. Pelo avesso: a leitura e o leitor. Letras, Curitiba, editora da UFPR. n.44. 1995.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: *Leitura em crise na escola: alternativas do professor*. Porto Alegre, 1993.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Pedagogia da leitura: movimento e história. *Leitura: perspectiva interdisciplinares*. 5º ed. São Paulo: Ática, 2004.

APÊNDICE 1



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

O presente questionário tem como objetivo coletar dados acerca da compreensão sobre o sentido da literatura na formação pessoal e intelectual e das práticas de leitura dos alunos das turmas em que avaliação está sendo aplicada. Nesse sentido, visando ampliar o debate sobre o ensino da leitura literária, pedimos, gentilmente, que respondam aos questionamentos que seguem. Não é preciso se identificar. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

1. Como é o seu contato com a leitura?
2. Você gosta das aulas de literatura?
3. O professor (a) trabalha textos literários com você?
4. Você tem acesso à biblioteca da escola.
5. Que autor (es) você conhece? Já leu alguma coisa dele (s)?
6. Que tipo de obra gosta de ler: romance policial, romântico, trágico, ficção científica, outros?
7. Quando você lê uma obra, lê com qual finalidade?
8. E nas aulas de literatura, como são solicitadas as leituras de obras literárias?

APÊNDICE 2



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

O presente questionário tem como objetivo coletar dados acerca da compreensão sobre o sentido da literatura na formação pessoal e intelectual e dos procedimentos adotados pelos professores de língua portuguesa das turmas em que a avaliação está sendo aplicada. Nesse sentido, visando ampliar o debate sobre o ensino de literatura, pedimos, gentilmente, que respondam aos questionamentos que seguem. Não é preciso se identificar. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

1. Você considera a literatura uma arte necessária ao desenvolvimento humano?

Justifique?

2. Como costuma planejar suas aulas de literatura?

3. Quais aspectos costumam ser contemplados nas suas aulas de literatura?

4. Você encontra alguma dificuldade para ensinar literatura no ensino médio?